

NAIPPE

NÚCLEO DE ANÁLISE INTERDISCIPLINAR
DE POLÍTICAS E ESTRATÉGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP

ELEMENTOS PARA UMA PROPOSTA ALTERNATIVA DE DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO NO BRASIL

Frederico Jayme Katz



*Núcleo de Análise Interdisciplinar de Políticas e Estratégias
da Universidade de São Paulo*

NAIPPE

Conselho Editorial

Eduardo Massad

Professor Titular do Departamento de Patologia e Chefe da Disciplina Informática Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

F.A.B Coutinho

Professor Associado do Departamento de Patologia e Informática Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Luis Fernandez Lopez

Professor Associado do Departamento de Patologia e Informática Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Marcelo Burattini

Professor Associado do Departamento de Patologia e Informática Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Braz José de Araújo

(in memoriam)

Professor Associado do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Coordenador Científico do Naippe/USP

Organização

Mariana Passos

Capa

Renato Micheletti

NAIPPE/USP

Rua Theodoro Sampaio, 115 – São Paulo – SP – Brasil
CEP 05405-000 – Fone: (011) 3061-7435 – Fax: (011) 3061-7382

Elementos para uma proposta alternativa para o desenvolvimento do capitalismo no Brasil

Frederico Jayme Katz

NAIPPE/USP

Apoio:

CNPq
Pró-reitoria de Pesquisa USP

Índice

1. Nova Série NAIPPE Cadernos
2. Biografia do autor
 - 2.1. Alguns de seus trabalhos publicados
3. Apresentação
4. Introdução
5. Outra visão sistêmica
6. Lições do passado
 - 6.1. Panorama Geral
 - 6.2. Lembrando velhos (?) equívocos
7. O Panorama Internacional Recente: A Débacle e a Globalização
8. O Panorama Econômico e Social Nacional
 - 8.1. A mais abrangente contradição brasileira dá Forma ao Panorama Geral atual
 - 8.2. Tarefas para o Brasil de hoje
9. Bases para uma Proposta Alternativa para o Neoliberalismo no Brasil
 - 9.1. O Atual Estágio da Revolução Brasileira
 - 9.2. O Caminho da Revolução Brasileira
 - 9.3. A Proposta Social Desenvolvimentista
 - 9.3.1 Situando Historicamente a possibilidade do Desenvolvimentismo
 - 9.3.2. A Participação de Capitais Nacionais e Externos
 - 9.4. Estratégia e Táticas
 - 9.4.1. Transição para o Desenvolvimentismo. Encaminhamentos Táticos
 - 9.4.1.1. Transição Fase 1: Ampliar as ‘sobras de caixa’
 - 9.4.1.2. Transição Fase 2: Mediação mais equilibrada
10. Considerações Finais
11. Glossário
12. Referências Bibliográficas

1 - NOVA SÉRIE NAIPPE CADERNOS

Com o falecimento do fundador do NAIPPE Prof. Dr. Braz José de Araújo a série Cadernos do NAIPPE foi interrompida. Este é o primeiro número de uma nova série que nasce com a mesma finalidade, mas com práticas de publicação diferentes.

Em primeiro lugar os artigos da antiga série eram escritos em sua maioria por membros do NAIPPE. Os artigos desta série são convidados ou submetidos à publicação aos editores.

Em segundo lugar, todos os artigos submetidos ou convidados são revisados para que sua adequação e estilo sejam aferidos.

Como na série anterior, os artigos publicados são sobre assuntos que tenham importância estratégica a curto, médio ou longo prazo para o Brasil. Ocasionalmente artigos que tratem de assuntos globais são publicados e artigos que tenham grande curiosidade teórica também serão considerados.

A responsabilidade pelas idéias contidas nos artigos publicados nesta série é de exclusividade dos autores. Se algum autor discordar das idéias aqui divulgadas, poderá escrever um artigo criticando o conteúdo do mesmo. Ao autor será dada a oportunidade de réplica em curta nota.

Na medida do possível, solicitamos aos autores para não adjetivarem seus comentários. Por exemplo, ao invés de frases como “a produção de X no Brasil é pequena” preferimos que seja dito “na tabela anexa comparamos a produção de X no Brasil com a de outros países”.

Dados devem ter suas fontes citadas ou deve-se explicitamente declarar que é uma estimativa baseada nisto ou naquilo. Em todos os casos deve-se ficar claro quão confiável é o dado citado.

Todos os artigos da série anterior eram em português. Nesta série, artigos em inglês serão considerados.

Os artigos nesta segunda série são precedidos por uma pequena biografia do autor. Durante muito tempo em sua vida, o Prof. Dr. Braz José de Araújo foi filiado ao Partido Comunista Brasileiro, o então chamado Partidão. É verdade que foi se afastando do partido por motivos que não cabem a estes editores comentar. Assim consideramos uma homenagem ao fundador do NAIPPE. Este primeiro artigo é escrito na linguagem das teses do Partidão, que certamente foram muito queridas do Prof. Braz em boa parte de sua vida.

2 - Biografia do autor

Frederico Jayme Katz nasceu em 12 de fevereiro de 1946. Formado em Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco em 1967 e em Ciências Econômicas pela Universidade Católica de Pernambuco em 1979, Katz é mestre e Ph.D em Economia pela Birkbeck College – University of London (1984). Apresentou como trabalho final a tese intitulada “The Informal Sector and Debate on Underdevelopment: The case of Brazil” obtendo o título de Ph.D sob orientação do Prof. Ben Fine.

Atuou como Professor dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação (PIMES), do Departamento de Economia da Universidade Federal de Pernambuco, de 1978 a 1994, e do Mestrado em Economia da Universidade Federal da Paraíba, de 1995 a 1998. Desde 1999 é Consultor do Núcleo de Estudos Para a América Latina (NEAL), órgão da Associação das Universidades Confiadas aos Jesuítas na América Latina, (AUSJAL), que funciona na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Também atua como consultor em Economia nos Setores Público e Privado.

2.1 - Alguns de seus trabalhos publicados

“Comércio Externo e Estratégias de Crescimento: Uma Visão a Partir do Nordeste”; Anais do XXV Encontro Nacional de Economia, ANPEC, Recife, 1997. Co-autoria com J. P. R. Lima; “Nordeste e Mercosul - reflexões iniciais sobre conjuntura e perspectivas”; Capítulo do livro “O Mercosul no Limiar do Século XXI”, organizado por M. Costa Lima e M. de Almeida Medeiros, Editora Cortez, São Paulo, 2000; Co-autoria com A. Sicsú: “Globalization and strategies of reaction against poverty”; Anais do International Symposium: Unemployment and Poverty - Causes and Remedies. Roma, 2000; “Um Panorama do Debate Sobre a Questão do Desenvolvimento do Capitalismo na América Latina - Saindo das trevas”. Anais da IV Jornada da SBEP. Salvador, 2001; “Mercosul: Mudanças Necessárias”. Livro de autoria de Frederico Jayme Katz, A. Sicsú, D. Rosenthal, Keila Sonalle e R. Paradizo, coordenado pelo primeiro. Recife, Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA 2002; “ALCA, Brasil y Estados Unidos: Del Rechazo Contundente a la Batalla Diplomática”. Co-autoria de A. Sicsú e D. Rosenthal. Observatorio de Análisis de los Sistemas Internacionales. Bogotá, Universidad Externado de Colombia, 2003; “Opportunities and Vulnerabilities in Mercosul: Looking for Room for Peripheral Regions”. Co-autoria de

A. Sicsú e D. Rosenthal. Anais da 8th International Business Conference, Guadalajara 2004; "Estado e Desenvolvimento: Mapeando as Discussões Acerca do Desenvolvimento do Capitalismo no Brasil; Anais do Encontro Regional Nordeste de Pós-Graduações em Economia, ANPEC, 2004, Fortaleza; "Contribuições das teorias das relações econômicas internacionais e dos jogos à discussão da integração regional no Mercosul". Revista Política Hoje. Ano 9, Nº 14, julho/dezembro de 2004. www.ufpe.br/politica hoje/Katz14.pdf; "Questionando a Periodização 'Fordismo' 'Neo – Fordismo'. "Mudanças Tecnológicas e Reflexos no Mundo do Trabalho". Co-autoria com A. Sicsú, artigo publicado na Revista da ABET, Vol. IV, #2, 2004; "Mercosul, Sua Evolução, Crises e Propostas". Co-autoria com A. Sicsú e R. Paradiso, site da Amersur, Buenos Aires, 2005, www.amersur.org.ar/Integ/SicsuKatzParadiso.htm; "Mexicanização' como um caminho de transição para o 'Desenvolvimentismo'. Uma análise de propostas para o Desenvolvimento do capitalismo no Brasil". Anais do V Colóquio Latinoamericano de economistas políticos, Ciudad de México, 2005.

ELEMENTOS PARA UMA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO NO BRASIL

Frederico Jayme Katz^{*}

^{*} Agradeço aos colegas do NEAL, Pe. Paulo Meneses, Abraham Benzaquén Sicsú e David Rosenthal pelos comentários e colaborações. Agradeço também as observações dos Prof. Antonio Marcio Buainain (Unicamp), Célia Lira, Maria Brayner e Policarpo Lima da UFPE, Jose Ernani Souto

3 - Apresentação

Após alguns anos sob regimes de tendência Liberal, as populações de diversos países da América Latina começaram a entender que a promessa, generalizada, de paraíso no “Fim da História” era falsa ¹. Pois, concretamente, não se registraram melhorias sensíveis nas condições de vida da grande maioria. Como resultado, em diversos países da região tem ocorrido vitórias eleitorais de grupos com posições críticas em relação ao Neoliberalismo.

Porém, como não se consolidou outro discurso abrangente e integrado, ou seja um Projeto Alternativo de *Desenvolvimento*, estas lideranças não têm tido a ofertar quase nada, além de suas justas discordâncias em relação a certos resultados da Política Econômica dominante. Então, irônica e tragicamente, nestas condições de quase vácuo, em muitos casos, passam a executar a música pela mesma partitura que ficou de algum Governo anterior.

O fato é que a lavagem cerebral sofrida nos últimos anos foi tão intensa que, apesar das agruras e na falta de substitutos, o discurso e a prática Liberal ainda predominam. Como consequência, entre outras coisas, se toma as dívidas públicas tal como se apresentam, como fato certo e não passíveis de negociação, e como compromisso prioritário, mesmo que nenhum outro seja atendido. O pouco, ou quase nada, que sobra após os enormes superávits primários, não tem sido suficiente para alimentar, minimamente, políticas sociais, industriais, de infra-estrutura, em suma, para estimular o Desenvolvimento.

Na medida em que os governos atendem as instruções de orientação Liberal, o ‘mercado’ faz uma leitura positiva da situação, e o ‘laço colocado no pescoço’ destes países é afrouxado. A bolsa sobe e, por outro lado, o dólar, o risco país, os juros, etc. caem. Porém, como o laço não é mesmo retirado, o país continua, nestes termos, refém da situação. É suficiente que qualquer ministro, ou político importante do

Andrade da Unicap, José Oto Oliveira da Coonap e Dionísio Valois do Cendap. Alguns destes colegas concordam e outros discordam dos posicionamentos aqui apresentados, mas, o autor é o único responsável pelo artigo, em todos os sentidos, inclusive em relação aos erros, certamente presentes.

¹ No Item 9, o Glossário, especifica-se algumas categorias. Estas aparecem sublinhadas quando utilizadas pela primeira vez.

governo, deixe escapar alguma inconfidência heterodoxa, por mais amena ou infundada que seja, ou que se note contradição entre afirmativas dos mesmos, para que rapidamente o dólar suba, as bolsas caiam, etc. destruindo parte da ‘melhora’ dos indicadores ². Os governos então têm se sentido levados a reagir reforçando as medidas Liberais para reconquistar confiança. Esta é a ‘Armadilha da Dívida’ que infelicita muitos dos países periféricos.

O resultado é que estes governos não conseguem atender ao prometido, e aos anseios da população, e se desmoralizam, prejudicando também a imagem da Esquerda como um todo. Foi o caso, por exemplo, do Peru e do Brasil, e o Uruguai vai no mesmo caminho. Este é um dos padrões políticos que têm se tornado recorrente na região.

Em relação à falta que faz um Projeto de Desenvolvimento, vale esclarecer que, nas últimas décadas, embora o fluxo de trabalhos alternativos sobre conjuntura econômica brasileira, inclusive no nível Macro, tenha se mantido sempre em patamar satisfatório, seja em termos de volume como de qualidade, o mesmo não pode ser dito em relação à publicação de estudos a respeito do tema do desenvolvimento do capitalismo no Brasil. É certo que as análises de conjuntura e da questão do desenvolvimento estão intimamente relacionadas. Também, é muito comum que trabalhos sobre desenvolvimento, em momentos, aprofundem aspectos de conjuntura, e vice-versa. Mas, decididamente não constituem exercícios da mesma natureza ³. Um estudo típico de desenvolvimento se desloca em um nível mais abstrato, densamente entremeado por aspectos de caráter ideológico e político e tem uma abrangência, inclusive temporal, mais ampla. Os de conjuntura mesmo, em geral, são construídos já situados dentro de uma afiliação, consciente ou não, a uma visão prospectiva de Desenvolvimento Econômico, e lidam com a realidade e com categorias em um nível mais concreto. De forma aproximada, um trata de estratégias e o outro, para cada estratégia, discute táticas.

Esta lacuna faz lembrar o caso do PT, que não soube o que fazer ao assumir o governo, e conduz a constatação de quanto estamos atrasados nesta tarefa. Mas, na verdade, é necessário afirmar que este vazio não é privilégio do PT. Até onde se sabe,

² É interessante observar que, em contraste, estas oscilações não têm ocorrido quando o tema não é a heterodoxia econômica, mesmo quando gravíssimas acusações de outra natureza são lançadas contra altas autoridades da República.

³ Fiori, 2004, cita Braudel, que afirma que é necessário que o ‘intérprete das conjunturas’ se afaste dos elementos concretos com que costuma lidar, para alcançar as ‘tramas estruturais’.

nenhum outro Partido, grupo de Esquerda ou Instituição, dispõe, discute e divulga largamente, Projeto desta amplitude.

É importante ressaltar que esta afirmativa não significa uma avaliação negativa da atuação política da Esquerda nestes últimos quinze anos. Foram muito importantes as denúncias e enfrentamentos, de partidos, organizações sociais, e outras, e mesmo de militantes não organizados, intelectuais ou não, das injustiças do capitalismo agravadas pela Globalização. No entanto, é necessário reconhecer que, no capítulo da oferta de alternativas abrangentes, o ambiente tem estado rarefeito. Pouco se tem feito em termos de discussões que envolvam, no espírito do método da Economia Política, análises que abranjam considerações amplas, como posições de classe e o momento Histórico, e que avancem caminhos mais bem definidos, se não para o longo, pelo menos para o médio prazo. Obviamente, a elaboração desse Projeto será fruto de um amplo processo coletivo de colaborações e debates, que pode levar tempo, e que, portanto, já deveria estar sendo muito mais estimulado.

Mas, não foi sempre que o Liberalismo se constituía no único discurso, materializado em Projeto, disponível no país. Décadas atrás a CEPAL oferecia alternativa, assim como o ISEB, e os Partidos Comunistas, entre outros. Este texto prossegue recuperando aspectos metodológicos desta última alternativa, e, considerando as condições da atualidade, procura apresentar alguns elementos para um Projeto alternativo de Desenvolvimento do capitalismo no Brasil de hoje.

Em relação aos comunistas, o PC do B e o PCB foram os dois mais importantes agrupamentos desta afiliação em ação no Brasil por muitas décadas. Por diversas razões, inclusive externas, estes partidos se hostilizavam quase todo o tempo. É interessante indicar que, apesar das divergências políticas serem muitas, no que tange aos formatos das abordagens em suas análises, estes tinham um número de importantes pontos em comum ⁴. E também, suas histórias se confundem até quase a década dos 60. Assim sendo, no que diz respeito a estes elementos metodológicos, não haverá grande distorção se nos concentrarmos na contribuição do PCB para desenvolver o exercício proposto. Concretamente, isto se deve a uma maior disponibilidade de material, e também mais familiaridade com o mesmo.

Algumas observações e reservas são necessárias. Primeiro, os aportes que se buscam nesta tradição não virão, centralmente, dos posicionamentos do PCB. Mas

⁴ Cf. Gorender, 1987, pp. 30, 34.

sim, do tipo de abordagem, ou metodologia de discussão, que se praticava em seu seio, assim como no PC do B, em um tempo em que a Esquerda tinha projeto para o país. De uma forma que, intencionalmente, não é circunscrita com precisão, pode-se dizer que a fonte de onde se sacou é um imaginário que remete, temporalmente, às nossas lembranças do final dos anos 50, e ao conhecimento mais próximo durante os anos 60 e começo dos 70, em relação ao qual, obviamente, não se tem nenhum mandato de representação. Segundo, vale esclarecer que também não se pretende representar aqui a posição de nenhum grupo que hoje se considere ‘herdeiro’ do Partido fundado em 1922. Terceiro, se decidiu adotar, para referência à fonte dos conceitos metodológicos que se tenta recuperar, a expressão ‘Partidão’. Uma das razões é que esta expressão, da mesma forma que as idéias neste texto, não podem ser associadas com exclusividade ao PCB, embora estejam inegavelmente mais próximas ao mesmo. É também uma maneira de, evitando o uso do nome PCB, indicar que a intenção do texto é acadêmica e não partidária. Quarto, da mesma forma, a expressão Social Democracia é utilizada neste texto de forma restrita, como uma visão teórica sobre o capitalismo, nos termos como é definida no Glossário. Em todos estes casos, **não cabe nenhuma associação a qualquer agremiação política.**

Convém informar aos mais novos o jargão e as práticas então usuais. Periódicamente, o Partidão realizava ‘Congressos’ quando se debatia, votava e definia ‘a Linha do Partido’. Antes dos Congressos circulavam as ‘Teses para discussão’. Textos com variada amplitude de cobertura, que disputavam o apoio dos quadros. É preciso reconhecer que, às vezes, deixava a desejar o grau de democracia e equidade deste processo de circulação de ‘Teses’. Mais importante porém, é registrar que os textos finais que saíam dos Congressos, as ‘Resoluções’, eram documentos abrangentes, que se baseavam em uma visão geral do mundo, e do país, para definir a contradição principal de nossa sociedade e qual seria então ‘o Estágio da Revolução Brasileira’⁵. A partir daí situavam-se as alianças estratégicas, as tarefas e táticas políticas, e as propostas em geral, em um contexto bem definido, com começo, meio e fim.

Uma importante razão para o afastamento da utilização desta metodologia foi a ocorrência dos inesperados e cataclísmicos eventos geminados da Débâcle do Socialismo do Leste Europeu e da Globalização. A Esquerda perdeu muito de suas

⁵ Revolução entendida como o processo Histórico em direção ao socialismo.

referências ao assistir seus alvos e perspectivas serem projetados para dentro de um nevoeiro de indefinições. Perplexidade talvez fosse uma palavra adequada para descrever aquela situação. A Débâcle, principalmente, debilitou as propostas de Socialismo, as ferramentas do Planejamento e as Políticas Econ  micas baseadas na intervenção do Estado. A partir daí minguaram também algumas discussões caras para a Esquerda, especificamente sobre as perspectivas do desenvolvimento do capitalismo na Periferia, empobrecendo os discursos por priv  -los de um arsenal de propostas para o médio e longo prazo. E, pelo menos em relação a isto, com certeza, o exemplo do tipo de discussão que se travava no Partidão pode ser de muita ajuda.

Então, o que se segue se assemelha a ‘Teses’, do tipo das que eram submetidas a Congressos do Partidão. A exposição procura seguir a metodologia que era utilizada na preparação de documentos deste tipo, inclusive em relação a títulos e ordem de itemização.

4 - Introdução

Este artigo parte do entendimento de que a compreensão adequada da atual situação e, principalmente, o estabelecimento de bases que permitam a capacidade de elaboração de um Projeto de confrontação da mesma, demanda uma discussão

preliminar cuja abordagem transcenda as visões Micro e Macro, adentrando em aspectos Históricos e Estruturais ⁶. Esta é a tarefa na qual se concentram os esforços, deliberadamente, não tentando equacionar aspectos mais ‘concretos’ da realidade ⁷.

Este posicionamento se baseia em diversas razões. Primeiro porque se entende que, metodologicamente, esta é uma tarefa precedente. Uma vez estabelecida uma visão sistêmica, que possibilite a geração de expectativas de médio e longo prazo, aí sim, suas traduções em propostas conjunturais de natureza Micro ou Macro não mais surgem baseadas em mera vontade ou preferência, sem justificativa, pois, passam a ter aderência a um contexto mais amplo.

Segundo, por conta de certas características da situação brasileira. O País se encontra submetido a uma política econômica de influência Liberal que tem gerado algum desenvolvimento. Isto não se constitui motivo de perplexidade quando se utiliza o conceito de Desenvolvimento detalhado no Glossário. Em oposição ao que aí está, defende-se aqui, para o momento, a preferência por uma linha *Social Democrática*, referida como Social Desenvolvimentista, pelos menores custos sociais, menores distorções e, talvez até maior rapidez, com que pode livrar-nos do subdesenvolvimento. Mas, não é teoricamente impossível que países do terceiro mundo, que gozem de excepcionais condições como o Brasil, atinjam este estágio por uma via Liberal. Então, as opções têm que ser orientadas por juízo de valor, por aspectos éticos, morais, em uma palavra, por razões Humanísticas. Estas escolhas não devem ser baseadas na tentativa de mostrar, com elementos Conjunturais, Macro ou Micro, que o que vem ocorrendo é apenas uma “bolha”, um “vôo de galinha”, sob pena de se ver seguidamente desmoralizado pelos acontecimentos. Há políticas econômicas e sociais mais ou menos desejáveis para cada um, mas, não é possível neste nível decretar a impossibilidade do Liberalismo ⁸. Nestes termos, defende-se aqui que estas abordagens são insuficientes.

⁶ Como afirmado anteriormente, este Projeto deverá ser fruto do esforço de um amplo grupo de pessoas. Portanto, este texto é apenas uma tentativa de colaboração, sabidamente limitada, até mais dirigida a provocar o assunto, independentemente dos aportes específicos que também oferece.

⁷ Pela própria natureza, estas propostas ‘concretas’ seriam mais voláteis, tratando-se então de produto com características distintas das que objetiva este texto. Por fim, mas não menos importante, é honesto declarar que não se trata aqui do tema da conjuntura, também, por falta de familiaridade com o mesmo, já que não é esta nossa especialidade.

⁸ Artigo de 2004, Katz, 2004, previu a possibilidade do avanço de um processo de desenvolvimento naquele momento do Governo Lula. Mantidas as condicionantes externas e internas adequadas, o mesmo pode continuar e evoluir.

O terceiro motivo da escolha de uma abordagem em nível acima do conjuntural é o fato de que no Brasil de hoje a cartilha Liberal goza de um quase consenso. Alguns grupos que vêm se saindo bem, e que gostariam de ver continuar o processo nas mesmas linhas, ou até aprofundado, naturalmente a apóiam. Após tantos anos de lavagem cerebral, e incentivos e pressões outras, a mídia em sua quase totalidade apóia ativamente o Liberalismo, e mesmo trabalha em sua defesa. Algo parecido se dá entre intelectuais e no seio do mundo acadêmico. Mas, mesmo a grande maioria da sociedade que está consciente da precariedade de sua situação, não só certos estratos que recebem algumas migalhas, não têm clareza para entender que é necessário uma mudança de rota para modificar a situação para melhor. Não é de se estranhar, tal a barragem publicitária da mídia. O fato é que o Liberalismo desfruta de decidido apoio em setores estratégicos, o que faz com que este apoio reflita-se em uma base ainda muito mais larga.

A luta pela difusão da alternativa Social Desenvolvimentista é então muito ampla e árdua. E, a preparação para a mesma tem que se dar pela apresentação da questão no campo onde ela realmente se põe, Estrutural e não Conjuntural. Só assim será possível mostrar à grande maioria da sociedade a superioridade deste caminho em substituição ao vigente, onde o Liberalismo prevalece. A ‘Armadilha da Dívida’, para exemplificar concretamente, só poderá ser enfrentada de forma democrática, equilibrada e sem golpes, se a solução for negociada e, mais importante de tudo, gozar de esmagador apoio na sociedade.

A apresentação deste trabalho procura seguir a metodologia organizativa das ‘Teses’, utilizando não só o ordenamento, mas até certos títulos e destaques usuais nas mesmas. Há porém uma exceção que é o item 5, ‘Outra Visão Sistêmica’. Ocorre que os roteiros usuais das ‘Teses’ não incluíam seções abordando este tipo de elemento, pois, na época, havia um consenso em relação à aceitação de versões atrofiadas do ‘Modelo Histórico Estrutural’. Apresenta-se então este item porque o mesmo difere da visão padrão da época, e de outras visões sistêmicas populares atualmente. A intenção é que o leitor perceba claramente os fundamentos da abordagem e possa, mesmo discordando, entender em que se baseiam os argumentos. Em seguida, no item 6, se faz uma crítica em relação a dois elementos relevantes da História das discussões acerca do desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Depois, nos itens 7 e 8, se sumariza os fatos mais destacados dos Panoramas Internacional e Nacional dos últimos anos, a luz da interpretação sugerida. No item 9 se apresenta as linhas gerais

de uma Proposta de Desenvolvimento, em diversas etapas, a semelhança do que se fazia nas 'Teses'. O item 10 é o das conclusões, e o 11 é um Glossário onde se procura especificar o sentido da utilização de certas variáveis.

5 - Outra Visão Sistêmica

As análises neste texto baseiam-se em uma interpretação do processo de desenvolvimento do capitalismo, que se origina em uma revisão do 'Modelo Histórico Estrutural', elaborada e fundamentada em outro trabalho. A construção desta visão

alternativa tem como ponto de partida a tradição Marxista, à qual se adiciona uma síntese particular de contribuições de outros autores. Em função da limitação de espaço, não é possível reproduzir aqui este material em todos seus detalhes. Apresenta-se então um sumário, para que se percebam as principais linhas desta visão que se apóia em um conjunto de Conjecturas ⁹.

Registra-se que, entre as teorias que visam apresentar uma visão geral da História e do desenvolvimento recente do capitalismo, a que é mais divulgada no momento é a da “Financeirização do Capitalismo”, que tem em Chesnais um dos seus autores mais destacados. Reconhece-se que é um entendimento respeitável, gozando atualmente de apoio quase consensual. No entanto, considera-se que a mesma é fortemente baseada em entendimentos centrados em fenômenos da circulação. Prefere-se aqui adotar outra abordagem, resumida a seguir, que procura explicações nas combinações que resultam da interação dialética entre as esferas da produção e da circulação.

A História, entendida como uma sucessão de ‘Modos de Produção’, desenrola-se hoje no contexto do ‘Modo de Produção Capitalista’ (MPC). Neste Modo surgiram, sucessivamente, novas tecnologias que, sendo mais eficientes que as anteriores em termos da lógica do capital, foram difundidas de forma abrangente. Já houve diversos Paradigmas Tecnológicos Dominantes (PTD) e outros ainda poderão vir a se impor. O lançamento, e em seguida o desenvolvimento, de PTDs impactam as sociedades capitalistas propiciando a geração de ondas de *crescimento* econômico. Estas ondas seriam fases históricas do MPC, definidas pelo predomínio de determinados paradigmas tecnológicos. Estas duas instâncias, a do MPC e a dos PTDs, são mais conectadas com a esfera da produção. Dirige-se então o foco para a Superestrutura, que funciona como mediadora das outras duas e que incorpora elementos de natureza política, social e institucional. Uma primeira Conjectura que se propõe, é que a Superestrutura, em sintonia e interação com as ondas da base econômica, também experimenta mudanças, desenvolvendo movimentos compatíveis. Passamos então a referir a ‘Ondas’ no sentido destes movimentos articulados da base e da Superestrutura.

⁹ Este resumo se atém a temas relevantes para este texto. O trabalho mencionado é uma elaboração teórica ainda em construção. Pode então ser facilmente questionado e acusado de “achismo”. No entanto, mesmo que a proposta estivesse amadurecida, não seria de se esperar a apresentação de ‘provas concretas’, devido a sua natureza de conjectura.

As diversas Ondas terão desenhos distintos. Pois, dependem das formas em que as sociedades interagem com a introdução, e o avanço, dos novos PTDs ¹⁰. Há o balizamento das Leis de Movimento do MCP, mas, as múltiplas maneiras como as Ondas vão se apresentar dependerá de inúmeros fatores econômicos, sociais, políticos, da infra-estrutura produtiva e da superestrutura econômica social que caracteriza estas sociedades e seus ambientes externos. Apesar desta riqueza de possibilidades, operam algumas tendências que convém mencionar.

Isto envolve outra Conjectura que teve como inspiração inicial a leitura de Polanyi, (2001) ¹¹. Ali o autor analisa um período de cerca de cem anos de História, a partir do início do século XIX, enfocando principalmente a Inglaterra, mas, referindo também a outros países centrais. Consta que durante este tempo ocorreu um movimento de “ascensão e queda” do forte domínio da Política Econômica Liberal, que chama de “A Grande Transformação” (GT). A Conjectura é que este tipo de episódio, descrito originalmente por Polanyi como um fato específico, é um fenômeno recorrente. Assim, em determinadas circunstâncias, poderiam ocorrer outras GTs.

Observe que há importantes semelhanças entre a fase inicial da GT de Polanyi, época do debate do “Livre Cambismo” nas relações internacionais, e de destruição das redes de proteção social até então existentes, com o recente período crítico da Globalização, quando se procurou desmontar construções anteriores da social democracia, como o *Welfare State*, os sistemas de subsídios e de incentivos e, na frente internacional, cresceu o espaço do discurso favorável ao livre comércio. Mais, em uma terceira conjectura, se declara entender que há um importante papel desempenhado pelas mudanças tecnológicas em todo o processo de evolução das GTs. Especificamente, a atual GT (GT2) está sendo movida pelas mudanças em curso, decorrentes da implantação, quase simultânea, de um vasto conjunto de

¹⁰ Ao se ressaltar que há inúmeras maneiras possíveis, mediante as quais, podem ocorrer a imposição, a organização e a difusão da nova tecnologia, se exclui a possibilidade de acusação de que dominaria aqui a idéia de que nada de novo há sob o Sol, e que os eventos vão se desenrolar do mesmo modo que em episódios anteriores.

¹¹ É interessante notar que na década dos quarenta foram publicados trabalhos que tomaram importância central na fundamentação de influentes vertentes econômicas. De um lado tivemos Hayek, com suas colaborações. Nem é preciso lembrar o quanto sua obra influenciou a recente onda Liberal. De outro, tivemos Polanyi com a primeira edição da “The Great Transformation” em 1944. Uma das razões que Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, apresenta em seu prefácio para justificar a reedição deste livro, em 2001, são as analogias das cenas descritas por Polanyi com as transformações atuais que enfrentam os países em desenvolvimento, portanto, a atualidade do tema, Stiglitz in Polanyi, 2001, p.vii. Porém, sem dúvida trata-se de um esforço para trazer de volta à cena este forte libelo em favor das teses sociais democratas, que pode ser valiosa munição no combate ao Neoliberalismo.

inovações tecnológicas, associadas ao que se imagina ser um quinto Kondratiev. E, a GT de Polanyi (GT1), teria recebido sua dinâmica do que usualmente se refere como o segundo Kondratiev ¹².

É outra Conjectura que procura explicar a relação entre Ondas e GTs. A explicação para a propensão à ocorrência de regimes Liberais nos primeiros momentos das mudanças nos PTDs se dá, porque, a entrada em cena e expansão da nova tecnologia passa a definir novos níveis para ‘a quantidade de trabalho socialmente necessário para produzir uma mercadoria’. Ou seja, a Lei do Valor leva a que se estabeleçam novos patamares para os valores das mercadorias. É natural então que os blocos de capital ligados às novas tecnologias trabalhem tentando construir situações políticas que lhes permitam obter liberdade máxima de ação neste momento, ou seja Políticas Econômicas Liberais, de forma a conseguir maximizar os resultados de sua forte vantagem relativa que não será permanente. Se vitorioso, este esforço pode levar, internamente nos países, às privatizações e desregulamentações, e no contexto internacional, ao domínio do discurso do livre comércio.

Mas, a concretização desta possibilidade dependerá também de condições em outra esfera. Um elemento fundamental para definir se a Onda será uma GT é a situação do panorama político/social nas nações do centro e entre as nações. Se o grau de concentração de poder nas mãos do capital em um país for muito alto, o que se assemelha a uma arrumação unipolar em termos mundiais, o fenômeno poderá ser observado ¹³. Foi assim no início do século XIX e também no final do século XX. Se não for o caso, como não era na ocasião do terceiro Kondratiev, ou do quarto Kondratiev, fica difícil para os blocos de capital que estão na dianteira moldarem a

¹² Faremos referência aos Ciclos de Kondratiev para efeitos meramente cronológicos. Não significa nenhuma adesão, ou oposição, às teorias subjacentes. Apenas, o reconhecimento da evidência estatística da existência de períodos, durante os quais, a introdução de inovações tecnológicas coincidiu com ondas de crescimento econômico nos países do Centro. O primeiro Kondratiev, de 1770/1780 a 1830/1840, baseou-se na expansão da indústria têxtil e na difusão do uso fabril da máquina a vapor. O segundo, de 1830/1840 a 1880/1890, nas ferrovias e no aço. O terceiro, de 1880/1890 a 1930/1940, na eletricidade, nos motores de combustão interna e na indústria química. O quarto Kondratiev, de 1930/1940 a 1980/1990, apoiou-se em um conjunto de tecnologias e indústrias: as de bens de consumo duráveis, particularmente os automóveis, a petroquímica, os materiais sintéticos e a eletrônica. Um possível quinto Kondratiev, de 1980/1990 até (...?), estaria centrado nos computadores e indústrias relacionadas às informações e as comunicações. Cf. Freeman, Clark e Soete, 1982, p. 68 e Freeman e Perez, 1988, pp. 50/53.

¹³ Este argumento demonstra que não se incorreu no erro de, ao tentar fugir da visão da “Financeirização” por percebê-la ‘Circulacionista’, cair no equivoco oposto do ‘Produtivismo’. O entendimento é que estas duas esferas interagem e se sobredeterminam. Outro trabalho que influenciou a concepção desta teoria foi Kotz, McDonough e Reich, 1994, com suas análises das “Estruturas Sociais de Acumulação”, que mostra como a Superestrutura influi na dinâmica do desenvolvimento.

estrutura política para que esta se adeqüe otimamente a seus interesses, e não se observa obrigatoriamente uma GT ¹⁴.

Inevitavelmente, pelos estragos sociais que causa, após algum tempo este aprofundamento Liberal encontra obstáculos na luta de classes. Paralelamente, as Leis de Movimento do MCP, particularmente a Lei da Tendência a equalização da Taxa de Lucros, propiciam mudanças, através da difusão da nova tecnologia, que altera a posição relativa de poder dos blocos de capital que partiram na frente ¹⁵. Tudo isto tende a levar a uma nova arrumação na correlação de forças sociais. A concorrência entre capitais e a luta de classes passam a dar condições mais propícias para que a hegemonia da política Liberal seja enfraquecida, completando a GT.

Os países centrais são mais avançados tecnologicamente, e assim, as mudanças nos Paradigmas tem se dado inicialmente ali, que é onde primeiro se podem observar as sucessivas Ondas de crescimento. Os países periféricos que conseguem dar alguns passos em seus Desenvolvimentos apresentarão as Ondas de forma defasada. Há que considerar, também, que as estruturas de poder em dimensão mundial variam ao longo do tempo. Certamente uma estrutura de hegemonia, em termos mundiais, unipolar ou de rivalidade entre pólos, marcará as Ondas de forma distinta.

No período final das GTs, ‘novíssimas’ tecnologias, que talvez até já existissem postas em reserva, passam a ser consideradas para lançamento. O que é muito importante em relação a este momento, e que também caracteriza as fases iniciais da Onda seguinte, é que, devido às possibilidades da ‘novíssima’ tecnologia, a crise conduz para a desvalorização, que antecede a destruição, do Capital velho. Pode ocorrer fuga especulativa dos ativos reais em busca de refúgio em ativos financeiros, acarretando uma inundação, a “Financeirização” da economia. Não significa que este será o estado permanente do capitalismo daí por diante. Na continuidade da Onda,

¹⁴ Bem entendido, GTs completas. Mas, é possível apontar para a ocorrência de GTs de menor profundidade ou incompletas, em outros períodos que coincidiriam com outros Kondratiev. Polanyi, por exemplo, refere à década de 1920 como Conservadora, e a de 1930 como Revolucionária, no sentido do que se está aqui apresentando, Polanyi, 2001, p. 21.

¹⁵ Em relação aos processos de mudanças dentro de cada GT, particularmente a tendência à difusão de tecnologias, é reconhecido o debito com Vernon, 1966 e Perez e Soete, 1988.

uma vez melhor definido o panorama, haverá o retorno a valorização relativa dos ativos reais, como já se viu antes na História ¹⁶.

6 - Lições do Passado

¹⁶ Períodos em que ocorre o que Keynes chamou de “the euthanasia of the rentier”. Keynes, 1973, p.376.

Não é objetivo deste texto analisar o episódio ‘Desenvolvimentista’ passado, mas, dois equívocos frequentes em análises da época, e relevantes para esta discussão, devem ser destacados . Uma crítica relativa aos mesmos pode ajudar a evitá-los no futuro. Antes, uma referência a interpretação característica da época ¹⁷.

6.1 - Panorama Geral

Uma descrição dos principais elementos da ‘Linha do Partidão’, como era apresentada na década dos 50, e ainda no começo da dos 60, poderia ser sintetizada descrevendo a totalidade da realidade como composta por dois blocos. Um, que operava de fato, formado pelo ‘pacto’ entre o latifúndio e o imperialismo e o outro, de existência potencial, a ‘nação’, que seria constituído pelos operários, camponeses, classes médias, setores progressistas da burguesia nacional, principalmente industrial etc. Internamente ao ‘pacto’ retrogrado, existiria um funcionamento harmônico, pois, o latifúndio e o imperialismo tinham interesses coincidentes. O primeiro vendia a sua produção ao segundo, que por sua vez também abastecia o país de manufaturados. Em oposição a este ‘pacto’ apresentava-se a ‘nação’, cujos componentes teriam todos os motivos para se unir e levar ao poder um grupo que implementasse uma política nacionalista de industrialização e que modernizasse as relações sociais no campo. Esta evolução democrática burguesa confrontaria a contradição principal existente entre a nação e o latifúndio/imperialismo e seria a fase preparatória para a futura construção do socialismo no país, assim como o caminho para o desenvolvimento do capitalismo na periferia de um modo geral, Carone, 1982, pp. 183/5. Influenciava esta posição, ao mesmo tempo em que em muito se confundia com a mesma, a análise da CEPAL, com sua proposta de ‘Industrialização de Substituição de Importações’ (ISI).

6.2 - Lembrando velhos (?) equívocos

Um deles, mais simples de indicar, foi o de considerar certas categorias de forma pouco precisa. Especificamente, o Imperialismo era entendido de forma homogênea. Ora, pelo menos em relação a um país como o Brasil, este conjunto era composto por segmentos cujos posicionamentos podiam divergir muito em relação ao

¹⁷ Este período compreende os 35 anos após a Segunda Grande Guerra, quando ocorreu um forte rebatimento no Brasil das mudanças causadas pelos terceiro e quarto Kondratiev no Centro.

desenvolvimento. Continha grupos de interesses conservadores como o das empresas que exportavam bens de consumo para o Brasil, mas, também, blocos de capital que tinham interesse no avanço deste processo, como as montadoras de automóveis que iam se instalando no país. O balanço de forças entre estes grupos foi mudando com o avanço de um processo, caracterizado por Cardoso e Falleto, 1981, como “Desenvolvimento Dependente Associado” que, de fato, foi muito estimulado por grupos Imperialistas.

Este mesmo tipo de equívoco se deu em relação ao capital instalado no Brasil. Neste caso até reconhecia-se a heterogeneidade do grupo como um todo, distinguindo os grandes capitais e o Latifúndio, do que chamavam de Burguesia Nacional, Carone, 1982, p. 132. Porém, interpretava-se a natureza deste segundo grupo de forma homogênea e não dialética, supondo a existência de uma contradição frontal do mesmo com o Imperialismo, Carone, 1982, p. 198. Na verdade, parte desta Burguesia Nacional não tinha choque de interesses com a fração ascendente do Imperialismo, e para a parte que poderia ter tido, ofereceram-se caminhos de acomodação. Seu projeto não tinha compromisso, como tinha a Linha do Partidão, com o ‘Nacional’. Esta diferença só se aprofundou a medida que a realidade concreta evoluiu. Uma das conseqüências destas interpretações foi que nas duas décadas após a segunda guerra o Partidão ficou a sonhar com o apoio leal da Burguesia Nacional para um processo de desenvolvimento soberano. Parte deste grupo, de fato, partilhou deste objetivo, mas mesmo aí o apoio irrestrito só se dava enquanto o contexto lhe parecia totalmente seguro e as oportunidades bastante rentáveis. Até 1964, quando sobreveio uma dolorosa lição.

O outro equívoco diz respeito a uma questão mais sutil, que é a do *locus* da definição dos rumos e dos limites do processo de desenvolvimento. Os autores da CEPAL viam este desenvolvimento como a resolução, e a via de escape, para uma contradição entre países, e não entre classes, centrando então o foco neste primeiro espaço¹⁸. Como se sabe, a prescrição básica era a industrialização. Agora, dado que a problemática era observada através de lentes com o formato de ‘nações’, e os seus resultados avaliados com uma métrica definida pelos limites das ‘nações’, esta industrialização foi reduzida, e identificada, a uma “industrialização por substituição de importações”. Nessas análises, o processo de industrialização, que é um dos

¹⁸ Vão na mesma direção análises que se centram na existência de um “Sistema Mundial”, onde os atores são os países.

movimentos do desenvolvimento do capitalismo, ficava girando exclusivamente em torno do aspecto ‘nação’. Assim, ‘fatores adversos’, como por exemplo crises, guerras internacionais etc., no contexto de nações, é que provocariam os processos de ISI, que perderiam vapor tão logo estes ‘fatores adversos’, basicamente externos, fossem neutralizados.

Uma conclusão que se seguia naturalmente, embora talvez não explicitada, é que, quando o país conseguisse atingir a produção interna dos bens que costumava importar, a ISI e seu equivalente, o desenvolvimento, estariam esgotados. Os limites deste tipo de indústria nos países retardatários passavam a definir os limites do seu desenvolvimento, tudo balizado por esta análise equivocada. A ‘exaustão do modelo’, a crise, seria este esgotamento, e muitos esforços foram dedicados por autores, como por exemplo por Tavares, 1977, para comparar listas de importações, ou do que se costumava importar e que passava a ser produzido internamente, em vez de analisar as transformações sociais e econômicas que estavam ocorrendo em consequência deste desenvolvimento, e as contradições para as quais conduziam.

Por volta da metade da década dos 60 proclamou-se que o modelo estava exaurido. Foi a fase do ‘Estagnacionismo’. Um pouco mais adiante nesta década, e no começo da seguinte, desmentiu-se, e se descartaram, as declarações sobre a ocorrência do ‘Milagre’. Enquanto isto, concretizava-se de fato um dos períodos de mais vigoroso desenvolvimento de nosso capitalismo. Claro, se o Partidão ignorava o fenômeno e não fazia sua presença devidamente atuante, algum grupo teria que surgir para representar os interesses e liderar o grande grupo de trabalhadores envolvidos no processo. Foi neste vácuo que surgiu o PT. Mas, para fazer justiça, é necessário dizer também que, além de equívoco interpretativo, os Partidos Comunistas enfrentavam na época um dos mais cruéis momentos de repressão, enquanto que as lideranças sindicais tinham muito melhores condições de atuação.

Em relação a este ponto, uma visão apropriada de desenvolvimento não exclusiviza fatores internos ou externos e nem se baseia na idéia de que um destes conjuntos é o que predomina sempre. Em se tratando de um país do porte e do nível de desenvolvimento do Brasil, ao longo da História, ambos terão peso e o lócus da determinação pode se alternar entre o interno e o externo ¹⁹.

¹⁹ Países periféricos menos desenvolvidos, de um modo geral, têm seus caminhos definidos mais a partir de fora. No caso de receberem os impactos das Ondas oriundas do Centro, na medida do avanço do desenvolvimento, o peso dos fatores internos tendem a aumentar, podendo, em certas

7 - O Panorama Internacional Recente: A D eb acle e a Globalização

Outro período da História de fundamental importância para a compreensão do presente, e para avalia o de possibilidades futuras, foi aquele marcado por estes dois eventos, ou seja, da década dos 80 até nossos dias. Insiste-se na referência conjunta a estes dois fatos não para destacar a coincidência temporal do início do segundo com o primeiro, mas, para marcar que a interpreta o aqui   de que se tratam de eventos conectados.

Como exposto no Item 3, a visão Sist mica da História que baseia esta análise, entende que foi deflagrada uma nova ‘Grande Transforma o’, a GT2, a partir, de um intervalo de tempo que vai, do início da década dos 80 aos primeiros anos da dos 90. A d b acle do socialismo do leste europeu e a globaliza o são ondas de choque, ou resultados das ondas de choque, produzidas por este fen meno. O bloco Soviético ruiu, entre outras razões, porque foi pego no contrapô por uma mudança muito vigorosa no PTD. Além de tudo, isto deixou os EUA em isolada posi o hegem nica de poder. Esta grande concentra o de poder em um país resultou em que este novo Kondratiev tomasse as fei es de uma GT, que se expressa na Globaliza o.

O “Consenso de Washington”, apoiado em agentes como o FMI, Banco Mundial e OMC, proveu a execu o, nos quinze anos entre 1990 e 2005, de uma avassaladora expansão imperialista, principalmente norte-americana, que destruiu muito do tecido produtivo e organizativo de povos, desorganizando quase completamente vastas porões de na es e continentes. Talvez seja a mais forte demonstra o Histórica de como situa es de grande domínio do Liberalismo geram um “moinho satânico”²⁰.

A redu o da URSS a uma combalida Rússia acabou com qualquer cerim nia, por mínima que fosse, que os EUA ainda tinham no trato de suas rela es internacionais. Daí as guerras por conquista e posse de recursos econ micos considerados vitais, em total desprezo pela opinião publica mundial.   instrutivo

circunstâncias, ultrapassar o peso dos externos nas defini es. Isto aconteceu em rela o ao Brasil entre 1880 e 1980, por exemplo. A hegemonia dos fatores externos pode ser restabelecida pela passagem para outra Onda, e ou, se manter de forma mais duradoura em um panorama de poder mundial unipolar.

²⁰ Expressão de Polanyi, 2001, p. 35, no original “satanic mill”, em referência, naturalmente, a episódio anterior de avanço da hegemonia Liberal.

observar como uma nação tão grandiosa, quando tão sozinha no poder, apequena seu comportamento. O mundo como um todo fica refém de seus jogos internos de interesses, pois, o pólo mundial de poder inclina-se para atender vantagens localizadas. Ou, há alguma dúvida de que as guerras do Afeganistão e do Iraque tiveram parte de sua motivação derivada da ascensão ao poder de um grupo que representa o que há de mais retrógrado no setor petrolífero? Ao mesmo tempo, a farsa que se manifestava no contraste entre a prática de uma política interna protecionista e um discurso de abertura para os outros países, foi substituída pela imposição aberta de quotas e barreiras às importações da Periferia, pela recusa aberta do tratado de Kioto etc..

Porém, esta posição de uni polaridade está se enfraquecendo pelo avanço da situação de outros países, particularmente da China, no panorama mundial. Os EUA, apesar de ainda ter importância maior, já não são, por exemplo, o principal comprador de muitas das *commodities*, locomotiva crucial para a dinamização da economia mundial. Outras mudanças deverão acontecer, pois, outros países e blocos se fortalecem, enquanto que os ‘déficits gêmeos’ visivelmente debilitam os EUA. Algum tipo de multipolaridade está no horizonte. Sendo abreviada a Fase inicial da GT2, e promovido um mais rápido avanço nas fases seguintes, criam-se perspectivas auspiciosas para países na posição do Brasil ²¹.

Este período foi marcado também pela formação de blocos de países. Cada bloco tem características e motivações específicas, mas, alguns elementos perpassam todos. Em um momento de introdução de nova tecnologia que, no atual estágio, demanda larga escala de produção para se viabilizar, é natural que grupos de países procurem criar espaços reservados onde possam garantir a consolidação de indústrias estratégicas nesse novo PTD. Assim funcionam os blocos, combinando o protecionismo, como em um “Modelo voltado para dentro”, com o esforço para superar as barreiras para as exportações, como em um “Modelo voltado para fora”. O interessante é que isto acontece com o predomínio do discurso do livre comércio. O

²¹ Neste contexto, não está fora do razoável apresentar a possibilidade de um cenário ainda mais favorável. É concebível que se evolua, através da conjunção de fatores conflituosos no panorama mundial, na direção de um enfraquecimento da estrutura unipolar hoje vigente, em caminho para uma outra que ofereça mais chances para os periféricos. Algo que possa propiciar, por exemplo, a diminuição na intensidade do controle de nossa situação pelo capital financeiro internacional. Ou que volte a possibilitar que o Brasil se beneficie da concorrência entre duas, ou mais, lideranças mundiais fortes, contexto que já nos favoreceu em mais de uma oportunidade no passado.

Brasil está envolvido em alguns projetos de integração regional, e deve procurar aprofundá-los.

8 - O Panorama Econômico e Social Nacional

A última fase da Onda anterior refletiu-se no Brasil na década dos 80, a “década perdida”, sendo seguida pela fase inicial da nova GT em algum momento da década dos 90. Durante este período o lócus de definição dos destinos de nossa economia escapou para fora do país.

Já nos anos 80 foi implantada uma política contracionista que se prolonga por 25 anos, quase que sem interrupção. Mas, foi a partir dos anos 90 que o modelo Liberal marcou sua ação mais profundamente, com privatizações e desregulamentações, praticadas de forma generalizada, e sem a devida preparação dos necessários esquemas de controle social. Assistiu-se, também, a abertura comercial e o desengajamento quase total do Estado da prática de interferência na economia ²². O resultado de um quarto de século com políticas deste tipo é uma situação de exclusão e desigualdade das mais graves de nossa História.

8.1 - A mais abrangente contradição brasileira dá Forma ao Panorama Geral atual

Este modelo sob o qual temos vivido no Brasil nos últimos anos tem gerado um desenvolvimento fortemente desequilibrado em favor de grandes empresas e do

²² Naturalmente, nem o Brasil, nem nenhum outro país, é protótipo perfeito de economia Liberal. No nosso caso, a viagem nesta direção encontrou escombros do passado, remanescentes da tentativa de construção de um Estado de Bem estar Social, em diversos segmentos da legislação. Há também quistos corporativos de defesa dos interesses de diversos grupos, além de um aparelho de Estado que tributa mal e divide ainda pior. Apesar destas distorções, o campo de construção do lucro das mais importantes e dinâmicas atividades econômicas funciona em mercados que conseguem contornar estes obstáculos e funcionar, na prática, sem interferências do interesse público. Daí a validade da referência à dominação da lógica econômica Liberal.

capital monopolista, particularmente do capital financeiro, e tem como sua mais perversa consequência a exclusão de milhões de miseráveis. Mas, estas políticas econômicas e práticas outras, em geral condicionadas para o atendimento quase exclusivo dos interesses desse pequeno grupo, trouxeram inúmeros outros problemas, já que a economia e o setor público ficam condicionados a transferir partes crescentes do excedente para os mesmos. Isto atingiu também a maioria das pequenas e médias empresas, e das atividades econômicas das camadas médias em geral. Os resultados são visíveis não apenas na contração da classe média, mas, também, porque a parte cada vez menor deste grupo que consegue captar algum excedente tem enormes dificuldades de encontrar aplicações para o mesmo que garantam retornos razoáveis. A turbulência da economia levou o mercado imobiliário, tradicional recipiente de aplicações deste grupo, a se tornar uma caixa preta, insegura. Por outro lado, as aplicações financeiras estão sob severo domínio de um dos blocos de capital que é especialista em obter lucros recordes e distribuir quase nada para seus parceiros, pelo menos para os de médio e pequeno porte. Esta falta de válvulas de escape para a classe média, além de gerar muita insatisfação, é importante ingrediente da crise social.

Como resultado, o quadro atual de grande clivagem na Sociedade brasileira pode ser desenhado como dividido em dois blocos. De um lado estão os que só recebem uma mínima parte dos frutos do desenvolvimento, os excluídos, a maior parte dos camponeses e operários, tanto os isolados como os reunidos pelas organizações sociais, a maioria das classes médias e do empresariado de pequeno e médio porte, e mesmo alguns empresários de maior porte. Os indicadores sociais, e os números da desigualdade econômica no Brasil, mostram que este grupo é de tal forma majoritário que, na prática, poderia ser referido como a Sociedade brasileira, sem que se estivesse incorrendo em grande erro. De outro lado, beneficiado pelo sistema incontrolado de regulação automática pelo mercado, situa-se o minúsculo grupo composto pelo primado dos monopólios, oligopólios e rentistas, que poderia ser referido, em uma palavra, como os Oligarcas. A contradição mais geral do Brasil hoje se localiza no confronto de interesses entre a Sociedade brasileira e os Oligarcas.

No campo dos que se opõem ao Liberalismo encontram-se diversos grupos, como os partidos políticos e seções da sociedade civil organizada, que procuram representar milhões de Excluídos e que devem ser conquistados como importantes

aliados. As linhas ideológicas e as propostas destes grupos constituem um conjunto heterogêneo. Algumas das Propostas que circulam neste meio são apenas paliativos. Mas, não há como não ser favorável ao ataque aos problemas enfocados por estes programas ou propostas, pois, antes de tudo, pretendem matar a fome de alguns e ajudar outros tão necessitados. A forma de fazê-lo é outra questão. É utopia imaginar que um país, das dimensões e condições do nosso, possa pagar sua “dívida social” a partir da movimentação de recursos de sobra de caixa com programas sociais. É muito pouco para constituir massa crítica para mudanças mais promissoras. Encontra-se também neste conjunto os devotos do ‘Socialismo Popular’, proposta francamente anacrônica para o Brasil de hoje²³. Porém, se deve respeitar o direito destes grupos de lutarem pelas idéias em que acreditam, pois, apóiam a sobrevivência de muitos. O fundamental é fazê-los avançar para a compreensão da posição aqui defendida.

Além do massacre no campo econômico, também contemplamos hoje um país destruído em termos de instituições, inclusive as políticas. O trabalho de reconstrução à frente é enorme. Adicione-se a dificuldade decorrente do largo apoio de que ainda desfruta o ideário Liberal.

8.2 - Tarefas para o Brasil de hoje

O acúmulo de lições das últimas décadas indica um largo espectro de lutas desafiadoras. Em primeiro lugar, a importante luta ideológica contra o Liberalismo. Isto representa, de saída, se opor a um mundo onde o unilateralismo domina os movimentos e decisões. Ao mesmo tempo, em contexto ainda tão marcado pelos eventos da Débâcle e da Globalização, incrementar a luta pelo desenvolvimento do capitalismo no Brasil, solidariamente aos movimentos de mesma natureza na Periferia em geral. A diminuição da Dependência, em geral, pode propiciar melhoria nas condições de vida da maioria, e torna o ambiente mais propício para propostas mais avançadas. Mas, as amargas experiências, principalmente da Débâcle, tornam definitivo o entendimento de que enfrentar as questões apenas pelo foco do econômico não é suficiente. A crueldade desta primeira Fase da GT2 comprovou a necessidade da incorporação na agenda, de forma permanente e devotada, da defesa

²³ Naturalmente, para o Brasil como um todo. Localmente, experiências como estas podem perfeitamente serem absorvidas.

das causas das minorias, de qualquer tipo, ao mesmo tempo em que o rápido avanço tecnológico mostrou a necessidade de se incorporar a palavra de ordem da defesa do meio ambiente. Todos estes esforços terão que se desenvolver em um ambiente adverso em função da consciência política dominante.

9 - Bases para uma Proposta Alternativa para o Neoliberalismo no Brasil

9.1 - O Atual Estágio da Revolução Brasileira

Mesmo considerando apenas parte dos objetivos referidos, trata-se sem dúvida de uma tarefa gigantesca, que só pode ser enfrentada por uma muito ampla frente de forças. Por outro lado, é animador constatar também que boa parte destas palavras de ordem correspondem aos anseios de uma majoritária parte da sociedade, dos partidos, dos políticos e das organizações e movimentos sociais. Pelo seu conteúdo reformista, uma proposta que unificasse estes grupos haveria de ter natureza Social Democrata, como definido no Glossário ²⁴.

9.2 - O Caminho da Revolução Brasileira

Em linhas gerais, este tipo de proposta certamente não diverge do pensamento de boa parte da Esquerda brasileira. Pois, em função de ter sofrido importantes revezes políticos e ideológicos, e das incertezas que a partir de então se formaram, a maior parte dos analistas da Esquerda do Brasil, e do mundo em geral, desviaram o foco do discurso em relação ao Socialismo, e concentram-se, no momento, taticamente, em defender propostas de tipo Social Democrata. Acompanha-se este posicionamento enfatizando que aqui se entende este encaminhamento como, e dentro dos limites de, uma estratégia de desenvolvimento do capitalismo, com todas as características que lhe são próprias. As boas e as más. Ou seja, sem expectativas que não sejam as contidas nos limites desta realidade. Em termos de uma perspectiva de mais longo alcance, Socialista, para explicitar a coerência do posicionamento adotado, é suficiente dizer que, por não se acreditar no 'Quanto pior melhor', por se entender

²⁴ Como se sabe, na América Latina, por muitas décadas, o espaço das elaborações nesta linha Social Democrata foi em sua maior parte magnificamente preenchido pelo pensamento da CEPAL. Porém, houve uma drástica mudança neste padrão e, enquanto não houver reversão, impõem-se a enorme tarefa social de procurar preencher este grande vácuo, para o qual se dá aqui apenas uma contribuição.

que o socialismo é um salto qualitativo para cima tão mais próximo quanto maior for o desenvolvimento do capitalismo, e porque se considera que a abordagem Social Democrata pode vir a ser uma via menos dolorosa para a evolução deste sistema, neste momento toma-se seu partido ²⁵.

9.3 - A Proposta Social Desenvolvimentista

Então, **a tarefa atual consiste em um esforço de construção de uma ampla aliança que se oponha a idéia de que o dominante Liberalismo é a formula única possível, e que, também, se una em torno de um programa mínimo de ação.** As duas tarefas encontrarão dificuldades, mas, são atingíveis. Em relação à quebra do domínio ideológico Liberal, é necessário convencer parte da gigantesca maioria de insatisfeitos com a atual situação, de que a realidade que vivemos é, em boa parte, fruto da política Liberal, e que existem melhores alternativas, justas, pacíficas e seguras. Em relação ao programa mínimo, por princípios e, dado ao enorme poder e a agilidade dos que certamente se oporão a este Projeto, é necessário total transparência e seriedade nas propostas, e o acúmulo de um amplo espectro de apoios. A esta tática/estratégia, de apresentar uma proposta que tenha a capacidade de aglutinar amplos interesses, e que através de sua divulgação e implementação traga transformações nas correlações de forças que permita deslanchar o desenvolvimento do capitalismo no Brasil, é que se dá o nome de Proposta Social Desenvolvimentista ²⁶.

Da forma como aqui se propõe, o Desenvolvimentismo consiste em buscar um caminho tendo como principais impulsionadores do processo o Estado e o capital sediado no Brasil. Inclui-se também nesta proposta, de forma seletiva, o capital externo produtivo. A regra geral seria ter como empreendedores o capital, outros agentes como aqueles das atividades autônomas de pequena escala, as cooperativas ou grupos estruturados pelas organizações sociais e, em casos especiais, o Estado. Esta alternativa é uma opção em relação a qual alguns blocos de capital, como o capital

²⁵ O Partidão destacou-se em muitas ocasiões por ter tido lucidez em relação ao que era possível propor, historicamente, naquele momento. Ver por exemplo o seguinte trecho da Declaração de Março de 1958: “A sociedade brasileira encerra também a contradição entre o proletariado e a burguesia, que se expressa nas várias formas de luta de classes entre operários e capitalistas. Mas esta contradição não exige uma solução radical na etapa atual. Nas condições presentes de nosso país, o desenvolvimento capitalista corresponde aos interesses do proletariado e de todo povo.” Carone, 1982, p. 184.

²⁶ Trataremos aqui apenas dos aspectos de fundo, de natureza estrutural, desta proposta.

especulativo nacional ou internacional, por exemplo, certamente terão reservas. Ou seja, traz a possibilidade de confrontos. A intervenção do Estado na economia, com funções de regulação, de provedor de infra-estrutura e de apoio financeiro e institucional à empreendimentos estratégicos etc. estaria na agenda, o que hoje é verdadeiro tabu.

Em relação à forma de encaminhamento da Política Econômica há um aspecto crucial. Além de se justificar por ser a atitude correta em si, mas também com o objetivo de evitar riscos de rupturas prematuras, é preciso conquistar uma ampla confiança pública na certeza de que não seria deflagrado um plano B. Ou seja, de que não se planeja nenhum tipo de golpe que ameace a propriedade de forma geral. Mudanças serão necessárias, mas, deverão ser negociadas.

9.3.1 – Situando Historicamente a possibilidade do Desenvolvimentismo

Apesar das ricas lembranças que o período Desenvolvimentista anterior traz, simplesmente sugerir esta Proposta como um desejo político, ou por motivação ideológica, é mero voluntarismo²⁷. Para que faça sentido discuti-la é necessário que a mesma esteja inserida, e seja compatível, com um quadro que possa vir a ser desenhado, e que seja concebível como um desdobramento do atual. Isto não só dá muito mais credibilidade a Proposta como fornece pistas que indicam que tipos de mudanças favoreceriam sua concretização.

A Conjectura de que se estaria no início de uma nova GT cria um pano de fundo sobre o qual pode se projetar outra suposição, a de que fenômenos cujos desenvolvimentos se assistiram em Ondas anteriores poderão ter correspondentes na Onda atual. Para não estender demasiadamente o assunto, é suficiente dizer que se considera concebível que, mecanismos como os descritos no “Ciclo do Produto”, por Vernon, 1966, ou nas fases do “Ciclo de Vida de uma Tecnologia” por Perez e Soete, 1988, venham trazer a existência de um novo momento de difusão tecnológica quando será do interesse de capitais estrangeiros e nacionais a expansão de atividades modernas no Brasil. Algo como a ISI do Desenvolvimentismo, da Onda anterior,

²⁷ Isto para os autores que apresentam a Proposta sem conexão com nenhuma visão sistêmica. Já os que se identificam com a teoria da “Financeirização”, que apresenta a situação atual como um beco cuja única saída seria uma ruptura radical, com a adoção de uma via Cubana, Cf. Chesnais, 2004, estes ficam devendo a explicação da consistência do posicionamento.

poderia vir a ser a rota de desenvolvimento de alguns produtos e ou processos ²⁸. A alusão é só a ‘alguns’ produtos, pois, a hipótese que se levanta não demanda que seja algo sistêmico. Como, por sinal, ocorreu na Onda anterior, que abrangeu, no caso do Brasil, ampla variedade de atividades produtivas. Em relação a este episódio, vale lembrar, por exemplo, que nossa entrada nas atividades de produção de bens de consumo não duráveis e duráveis se deu, praticamente em todos os casos, na fase mais madura dos ‘Ciclos de Vida’, dos ‘produtos’, nos termos de Vernon, ou das ‘Tecnologias’ segundo Perez e Soete. Em relação aos bens de capital houve, no entanto, em uns poucos casos, o aproveitamento de “Janelas de Oportunidade” e a entrada foi mais cedo, o que, segundo estes autores, coloca a periferia em melhor posição.

A consciência da operação desses mecanismos pode permitir a obtenção de melhores resultados para possíveis inserções da economia brasileira nesta atual ‘Revolução Industrial’. Por esta razão, a Proposta é apresentada no bojo de uma concepção mais larga, entendendo que assim se enseja ações, e ou sugestões, posicionadas no sentido estratégico da discussão.

9.3.2 - A Participação de Capitais Nacionais e Externos

É conveniente explicitar esta questão. Em geral, quando há referência a questão do interesse nacional, e ou, a períodos de nossa história associados a impulsos de desenvolvimento, a tendência é fazê-lo em oposição à idéia da presença do capital estrangeiro. Não se está, assim, fazendo justiça aos fatos. Sem querer negar a importância estratégica da categoria nação, e independentemente da necessidade de certas salvaguardas, devemos lembrar que, por exemplo, foi com apoio do capital estrangeiro que iniciamos nossa siderurgia, e graças ao mesmo também, que a fundamental indústria automobilística se instalou no Brasil. Aquela idéia que associa, de forma unívoca, capital estrangeiro com atraso, tem origem em uma visão terceiro-mundista simplista, que centra a análise qualitativa do ator em sua nacionalidade, e não aprecia as diferenças importantes entre os blocos de capital que estão

²⁸ Vernon, 1966, afirmava que certas classes de produtos atravessam uma onda, do momento de sua concepção até a sua senilidade, e que em certo momento a sua produção tende a passar a ser mais viável na periferia. Perez e Soete, 1988, trabalham com os Ciclos de vida das tecnologias, apontando também a existência de fases, desde a da sua introdução até a da maturidade. Para estes, o engajamento da periferia nos processos produtivos se dá, em geral, na maturidade, mas, pode também ocorrer em situações especiais, durante a introdução da tecnologia, caso aproveitem as “janelas de oportunidade”.

relacionadas a outras características, como a forma de inserção na produção e na distribuição. Este tipo de interpretação deixa de lado também um componente político econômico, que é a maior ou menor capacidade de cada Estado de mediar os efeitos desta presença, situação em relação à qual o fator Brasil faz muita diferença. É por estas razões, que esta Proposta não exclui, de forma absoluta, a presença do capital estrangeiro. Está implícito, porém, que se supõe que esta participação seja em condições adequadamente negociadas por nossos representantes.

9.4 - Estratégia e Táticas

Do ponto de vista estratégico, considera-se esta Proposta do Desenvolvimentismo como a mais adequada para dar continuidade ao desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Porém, considerado o quadro das condições ideológicas, políticas e econômicas de hoje, que incluem a 'Armadilha da Dívida', haveria dificuldade em se deflagrar de imediato um Projeto como este. Também, a opção de um caminho com fortes possibilidades de ruptura, para em seguida começar dos escombros, como a Argentina, traria altos custos e outros riscos, devendo ser descartado como escolha deliberada. Daí a necessidade de, em um primeiro momento, divisar, e trilhar, um caminho de Transição que pudesse levar a plena implementação do 'Desenvolvimentismo'.

9.4.1 - Transição para o Desenvolvimentismo. Encaminhamentos Táticos

Na fase de Transição será necessário explorar todas as possibilidades de uma Política econômica que permita que ocorram avanços e, ao mesmo tempo, esteja em consonância com a consciência política da população e não propicie precipitações nem rupturas. Dentro dos limites de uma abordagem Social Democrata, como definida no Glossário, é possível, e necessário, incorporar práticas não usuais no Brasil, e que seriam muito importantes especialmente nesta fase.

Vale lembrar que a Social Democracia clássica, do primeiro mundo, tem operado fundamentalmente baseada na riqueza e poder do Estado, de forma que o mesmo, através de diversos mecanismos, redistribuiu recursos aos mais necessitados, para assim se obter uma paz interna e nível razoável de convivência entre os diferentes. Na América Latina, em função de suas características, é necessário ampliar

este conceito utilizando também outros mecanismos. Dois destes são discutidos adiante. Em função de suas características poderiam ser adotados sequencialmente.

9.4.1.1 - Transição Fase 1: Ampliar as 'sobras de caixa'

Naturalmente, este é um esforço que deve começar pelo combate aos desvios e desperdícios de todo tipo. Mas, já nos primeiros momentos em que um grupo decidido a fazer frente a hegemonia Liberal influísse, ou decidisse, a Política Econômica, se implementariam práticas de ampliação das margens de manobra do Estado na economia. O objetivo será acumular a utilização do que foi referido como 'sobra de caixa', com outros recursos ainda não mobilizados, pelo menos em nível significativo. Este tipo de atitude não ataca de frente as posições mais sagradas para o 'mercado' e conduziria a aglutinação de forças de apoio mais amplas. O esforço ideológico de difusão da posição, e o compromisso com práticas transparentes, pode trazer também, concomitantemente, a conquista de um sentimento de confiança que permitisse outros passos.

As ações em favor dos grupos menos favorecidos seriam desenvolvidas não só através de políticas compensatórias e distributivas através do Estado, tal como no primeiro mundo, mas, também, pela reserva de espaços para a atuação dos mesmos. Concretamente, este mecanismo consiste em se entregar, ou liberar e proteger, para estes grupos bens públicos ou setores ainda não explorados, ou explorados por frações mais fracas ou indefesas do capital. O Estado, assim, disponibiliza, ou propicia o acesso, para estes grupos de mais do que disporia se considerasse apenas as ferramentas permitidas pelas políticas de austeridade, mais que as sobras de caixa. Este tipo de estratégia pode tomar formas muito distintas entre si, desde uma variante virtuosa, como a que aqui se propõe e utiliza como exemplo, até outras perversas, como no fascismo.

Trata-se, a rigor, de protecionismo mesmo, e tem sido praticado em muitos países, inclusive em combinação com a ação Social Democrata no primeiro mundo. Por exemplo, a política praticada na França de preservação do comércio de pequena escala. Os supermercados grandes tiveram de se instalar fora das cidades, nas estradas, preferindo as estratégicas encruzilhadas (carrefours). Outros casos famosos foram o da preservação, na Inglaterra, da estrutura comercial e de distribuição, o da produção de arroz nas pequenas propriedades do Japão e da Coreia do sul etc.. A

reserva pode ser por ramo, espacial, pelo regime econômico social, como faz a China atualmente, ou de outro tipo.

No México também se praticou políticas deste tipo. Um exemplo recente desta ‘reserva de espaços’ surgiu quando da implantação do NAFTA. Naquele momento se abriram algumas oportunidades, como por exemplo, nos setores de comunicação, no de mídia e nos de outras indústrias, como o caso das ‘Maquilladoras’, para o grande capital, e outras foram aparentemente resguardadas, como no setor de alimentos, em parte dos transportes urbanos e da propriedade imobiliária, para a atuação do pequeno capital e mesmo de autônomos do Setor Informal ²⁹. Entre estas ‘reservas’ destaca-se um caso muito conhecido, que foi o estabelecimento de algo assemelhado a um ‘Santuário’, a manutenção da estrutura de propriedade indígena comunal no Estado de Chiapas.

Este mecanismo mediante o qual se reserva espaços para estratos sociais menos favorecidos é muito interessante, porque, além de melhorar as condições de vida e de sobrevivência das camadas de menor renda, traz a vantagem de, ao mesmo tempo, deixar abertas algumas válvulas de escape para a classe média (alta e baixa) investir suas poupanças. Assim se dá porque nesses espaços mais protegidos do grande capital surgem chances de diferenciação e de acumulação para capitais de menor porte. Nem é preciso dizer que, nestas condições, as poupanças são transformadas em investimentos de forma muito mais eficiente e produtiva. Além do mais, a diminuição da exclusão, pela incorporação, também das classes médias, ajuda a dar maior estabilidade política e tende a manter em melhores níveis os indicadores de qualidade de vida em geral ³⁰.

Para por em prática esta estratégia é necessário elaborar uma Proposta em nível Conjuntural, Macro e Micro, que defina quais seriam estas medidas de abrangência geral e o que reservar para determinados grupos, como referido acima. Por todas as razões apresentadas anteriormente, não se apresenta uma lista de indicações pronta, conclusiva e completa. Mas, mudanças na legislação e na postura

²⁹ A produção de alimentos e, certamente ainda mais importante, o setor de serviços ligado à alimentação é locus de emprego e sobrevivência de importante parcela da população Mexicana. Parece que, além do fator cultural, a própria política econômica, na prática se não explicitamente, propicia a manutenção desta situação. Parte do setor de transportes urbanos e a aparentemente livre expansão imobiliária na periferia, também parecem compatíveis com esta linha.

³⁰ Esta abordagem promete, também, muito mais dinamização, pois, haveriam estímulos simultâneos a diferentes estratos, o que pode gerar uma sinergia de tipo comparável à estratégia chinesa do *Walking on two legs*, Ellman, 1979, p.137.

do Estado em relação à economia, concessões de terras públicas ou desapropriáveis, regularização de propriedades rurais e urbanas, a participação no transporte público urbano, o acesso a outras bases para a produção ou para serviços, ou outras devem estar entre as hipóteses a se estudar. Competência nestas questões que devem ser abordadas a partir do marco conjuntural, e imaginação, certamente não faltam no Brasil.

Esta Proposta, mesmo apenas com este primeiro passo modesto, poderia atender anseios de ampla gama de estratos sociais. Sua força seria tão grande quanto fosse a arte da sua engenharia em construí-la ampla e efetiva. No item seguinte as linhas gerais do segundo passo da caminhada.

9.4.1.2 - Transição Fase 2: Mediação mais equilibrada

A necessidade de se administrar a mediação do Estado com mais equilíbrio é, no nosso caso, parte importantíssima da ampliação de uma estratégia Social Democrata. Pois, o Brasil já sofreu muitos prejuízos decorrentes de uma longa situação de empate imobilizador entre tendências opostas que, sem negociação ou mediação, se resolveu ora com um congelamento paralisante, ora com solução unilateral explosiva. Por exemplo, o empate entre o ‘Centrão’ e as forças mais progressistas, durante a preparação da Constituição de 88, levou inúmeras matérias a ficarem no limbo longo tempo, a espera das regulamentações que nunca saíram. Anos depois assistimos a muitas vitórias de propostas Liberais, como as privatizações, que poderiam ter tido efeitos sociais mais abrangentes, se em algum momento tivesse sido possível se afastar da discussão – Privatiza: Sim ou Não - para os temas de ‘o Que’ e ‘Como’ privatizar.

O mais cruel é que no presente este impasse imobilizador se dá entre forças distribuídas no espectro político, nos partidos ou fora deles, que em essência não representam tendências opostas, são todas variantes Social Democratas. Só a falta de espírito público, o personalismo e o apego ao poder impedem uma aliança, que mesmo limitada, teria grandes possibilidades políticas, sociais e econômicas.

Esta infeliz dificuldade de negociação e falta de equilíbrio mediador, é reflexo de uma cultura e tradição mais ampla da sociedade brasileira. Este tipo de comportamento deve ser modificado adotando-se uma política econômica que funcione como uma mediação menos parcial entre os grupos. Ou seja, em uma

maneira que o dito popular descreve como a que dá ‘uma martelada no prego e outra na ferradura’. Combina-se o atendimento aos interesses do grande capital, nacional e ou estrangeiro, com o de outros grupos, daqueles economicamente mais fracos.

Obviamente, não se está propondo a idéia de um Estado neutro, ou que o grupo que assuma o poder tenha condições de substituir verdadeiramente a sociedade, comportando-se não como representante de uma classe ou fração qualquer, mas, absolutamente fiel aos interesses da sociedade como um todo. Afinal, continua o tempo do MCP. Porém, pode ser menos parcial em sua intermediação. Há exemplos desta prática, entre eles o do México.

Este elemento que se sugere compor a Proposta, é então uma estratégia de administração e sobrevivência, de e no poder, que é política, mas também econômica, e que consiste em utilizar uma mediação menos parcial para fazer conviverem extremos em mínima harmonia. Então, neste segundo momento da transição, contando com apoio e confiança amplos, se negociaria entre grupos ações mais efetivas, que poderiam inclusive envolver a questão das dívidas públicas. Estas negociações incluirão a concessão, qualificada e limitada ao interesse público, aos blocos de capitais mais dinâmicos e estrategicamente de interesse da nação, do indispensável para sua expansão e movimentação. Ao mesmo tempo, e graças à confiança adquirida por esta negociação mesmo, obter força para definir condições gerais e espaços a serem facilitados para os outros grupos, utilizando a intervenção estatal sem que isto venha a despertar temores ou causar corridas. Naturalmente, não é possível prever especificamente o que caberia a cada parte, pois, em princípio, este quadro seria produto de uma negociação condicionada à situação do momento. Esta segunda fase já nos coloca em pleno Desenvolvimentismo³¹.

10 - Considerações Finais

³¹ No sentido de obter mais clareza e precisão na apresentação destes mecanismos e ferramentas políticas, utilizou-se o artifício de separá-las em Fases. Vale lembrar também que, por tratar-se de um segmento da proposta mais de natureza tática, foi concebido em harmonia com as condições atuais. Naturalmente, as condições no momento de sua aplicação podem ser distintas. Pois, em tese, isto poderia se dar ainda com o atual governo neste fim de mandato, ou em outro tempo caso reconquiste o poder, ou com um outro grupo progressista que o conquiste. Chegado o momento então, dependendo de circunstâncias políticas, econômicas e sociais, é possível que se tenham condições, e ou necessidade, de inverter a ordem, fundir, ou mesmo queimar estas etapas. Do mesmo modo, deve-se considerar que, mesmo trilhando outra rota para escapar do subdesenvolvimento que não aquela aqui proposta, pode vir a acontecer uma grande crise, interna ou externa, e mesmo sem que isto estivesse sendo previsto, o país ser lançado em uma situação onde o Desenvolvimentismo se imponha como saída.

A proposta do ‘Desenvolvimentismo’ é aquela que se considera aqui a mais desejável como caminho para o processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Porém, viu-se também que a mesma seria de difícil implementação direta nas condições atuais. Então, indica-se a necessidade de um período inicial de Transição para, a seguir, trilhar este caminho. Mesmo não sendo uma condição imediata de otimização, certamente pode ser melhor que a atual, tanto em termos de indicadores sociais quanto no sentido de dar condições para o amadurecimento da plataforma para avanços ulteriores. Este amadurecimento refere-se às atuais condições gerais, tanto de natureza econômica quanto política. Por esta razão levanta-se a hipótese de que este pode ser um primeiro passo adequado. Talvez não haja muitas outras alternativas agora para tentar alcançar o Desenvolvimentismo que não seja utilizando um período de Transição, uma saída de emergência, para tentar escapar do ‘laço no pescoço’ do modelo atual. Ao mesmo tempo, parece ser um projeto que seria possível negociar com um amplo espectro de forças, constituindo-se assim em uma rota de menor resistência para, afinal, atingir o Desenvolvimentismo.

11 - Glossário

Algumas categorias são utilizadas neste texto de uma forma compatível com a abordagem Marxista, mas, que não coincide com o seu emprego usual. Para evitar mal entendidos, definem-se as mesmas neste item. Primeiro, em relação a políticas de desenvolvimento. Quando se mencionar a política econômica Liberal, ou Neoliberal, a referência é as propostas de Desenvolvimento cujo argumento central é que os

processos econômicos no capitalismo conduzem a melhores resultados sociais se deixados evoluir ao sabor de suas forças ‘naturais’, guiados pelos mercados. Outro grupo de políticas, referidas como da Esquerda, entende que o capitalismo, por razões inerentes ao seu próprio funcionamento, gera exploração e desigualdade. Defendem então a necessidade e conveniência da intervenção do Estado nas relações econômicas, em todas as instâncias, especificamente na periferia, para dar melhores condições ao desenvolvimento. Porém, como a contradição principal do capitalismo seria insuperável, advogam a constituição de uma nova ordem social, comandada pelo Estado Socialista. Entre estas duas posições se situa o grupo aqui referido como o dos *Social-Democratas*. Seus adeptos são aqueles que entendem que o capitalismo, se sob a ação livre apenas das forças de mercado, cria desigualdades e injustiças ³². Mas, diferentemente da Esquerda acham que, nos marcos do capitalismo, utilizando intervenções de diversos tipos, é possível regar o regime e livrá-lo de suas iniquidades. Naturalmente, estes conceitos podem ser abordados de forma mais abrangente, mas, os limites e objetivos deste trabalho tornam apropriadas definições estilizadas, centradas no aspecto da participação do Estado no processo. Também, vale ressaltar que, no mundo real, em virtude da complexidade das sociedades e dos aparelhos de Estado, a implementação destas propostas, algumas vezes até sua proposição, mistura estas linhas. Os conceitos são então referenciais e não guardam nenhuma relação com partidos, ou outras organizações, mesmo os que os utilizam em seus nomes.

Outra categoria em relação à qual convém especificar a forma em que é utilizada é a de *Desenvolvimento*. Primeiro, conceitua-se aqui *Crescimento* como movimento onde se apresentam variações simplesmente quantitativas de elementos como, produto, emprego etc. Já *Desenvolvimento*, seria um Crescimento que envolvesse mudanças qualitativas, tais como elevação do nível das forças produtivas e socialização do trabalho. Não se desconhece a distinção, já algumas vezes presentes em argumentos de fundo Social Democrata, entre crescimento e desenvolvimento, sendo que este último compreenderia melhorias sociais. Apesar do compromisso com o social, insiste-se na utilização de ‘Desenvolvimento’ no sentido apresentado antes. Ou seja, podendo ocorrer com maior, ou menor, distribuição das vantagens que cria. Isto porque, não se devem alimentar ilusões acerca dos limites e objetivos do

³² “Robert Owen’s was a true insight: market economy if left to evolve according to its own laws would create great and permanent evils.” Polanyi, 2001. p.136.

capitalismo que, de fato, não tem compromisso com a melhoria da situação da maioria da população. Assim, a adjetivação – do capitalismo – para Desenvolvimento, envolve uma utilização Historicamente datada da categoria.

12 - Referências Bibliográficas

CARDOSO, F.H. e FALLETO,E. (1981) Dependência e Desenvolvimento na América latina. R. J., Zahar Editores.

CARONE, E. (1982) O P.C.B. Volume 2, São Paulo, Difel.

CHESNAIS, F. (2004) “Ruptura radical” é a saída para o Brasil, entrevista a Folha de São Paulo em 31/05.

DOSI, G. et al (Edit.) (1988) Technical Change and Economic Theory. Londres, Pinter Publisher Limited.

ELLMAN, M. (1979) Socialist Planning. Cambridge University Press, Cambridge.

FIORI, J. L. (2004) “Pingos nos IS” In ‘Boletim da Agência Carta Maior, de 11/04.

FREEMAN, C. e CLARK, J. e SOETE, L. (1982) Unemployment and Technical Innovation. Londres, Frances Pinter.

FREEMAN, C. e PEREZ, C. (1988) “Structural crises of adjustment: business cycles and investment behaviour” in DOSI.

GORENDER, J. (1987) Combate nas Trevas. Editora Ática, São Paulo.

KATZ, F. J. (2004) “Estado e Desenvolvimento: Mapeando as Discussões Acerca do Desenvolvimento do Capitalismo no Brasil”. Anais do IX Encontro Regional em Economia, Ne, da ANPEC, em 07/2004.

KOTZ, D. M. e McDONOUGH, T. e REICH, M. (1994) Social Structures of Accumulation. Cambridge Univ. Press, NY

KEYNES, J. M. (1973) The General Theory of Employment, Interest and Money. THE MACMILLAN PRESS LTD, Cambridge UK.

P. C. B. (1981) “Teses para um Debate nacional de Comunistas pela Legalidade do P. C. B.” In Voz da Unidade, 08/05.

PEREZ, C. e SOETE, L. (1988) “Catching Up in Technology: Entry Barriers and Windows of Opportunity”. In DOSI.

POLANYI, K. (2001) The Great Transformation. Beacon Press, Boston.

TAVARES, M. C. (1977) Da substituição de Importações ao capitalismo Financeiro, Zahar, Rio de Janeiro.

VERNON, R. (1966) “International Investment and International Trade in the Product Cycle”. In Q J E, Vol. LXXX, Maio.

Coleção NAIPE/USP Working Papers

1 - A Alemanha Unificada no Contexto do Novo Cenário Mundial

(Braz Araujo e Christian Lohbauer)

2 - A Conferência do Cairo sobre População e Desenvolvimento e suas implicações para as relações internacionais.

(J.A Lindgren Alves)

3 - A Inserção Estratégica do Brasil

(Ronaldo Mota Sardenberg)

4 - O Brasil no Contexto Mundial: uma visão do Itamaraty

(Luiz Felipe Lampreia)

5 - Perspectivas para as Forças Armadas Brasileiras

(Benedito Onofre Bezerra Leonel)

6 - Uma reflexão crítica sobre a reengenharia

(Braz Araújo e Ricardo Leyser Gonçalves)

7 - Controle de armas e proliferação nuclear no Pós-Guerra-Fria: percepções norte-americanas

(Braz Araújo e Marco Antonio Liberatti)

Nova série NAIPPE Cadernos

1 - Elementos para uma proposta alternativa para o desenvolvimento do capitalismo no Brasil

(Frederico Jayme Katz)

OBJETIVOS DO NAIPE/USP

Desenvolver pesquisas sobre temas relacionados com estratégias, políticas estratégicas, acompanhamento e avaliação de políticas em áreas estratégicas, análise dos processos de decisão em áreas estratégicas, análise de suas dimensões institucionais e administrativas, análise dos processos de divisão em áreas estratégicas, análise e avaliação de planos governamentais;

Promover e estimular a agregação de estudiosos e pesquisadores de mais diferentes campos do conhecimento científico relacionados com seus objetivos;

Estimular a realização de pesquisas interdisciplinares, criando, para tanto, condições materiais e institucionais favoráveis à maior interação entre as diferentes unidades da universidade;

Promover encontros, sob a forma de conferências, seminários, colóquios e congressos;

Organizar um centro de documentação e um banco de dados necessários ao desenvolvimento de pesquisa operacional relacionada com seus objetivos;

Fomentar a divulgação de resultados de pesquisas, bibliografias especializadas, de boletins e de outros informes assemelhados.